



"Educação como prática de Liberdade":  
cartas da Amazônia para o mundo!

UNIVERSIDADE FEDERAL DO PARÁ (UFPA)  
SET-OUT 2021

ANPEd - Associação Nacional de Pós-Graduação e Pesquisa em Educação

9107 - Resumo Expandido - Trabalho - 40ª Reunião Nacional da ANPEd (2021)

ISSN: 2447-2808

GT12 - Currículo

Cotidianos, travessias e criações - pandemia e possibilidades de migrações curriculares  
Marcelo Ferreira Machado - FACULDADE DE FORMAÇÃO DE PROFESSORES DA  
UERJ

Thamy Lobo - UERJ - FFP - Universidade do Estado do Rio de Janeiro

Maria Cecília Sousa de Castro - UERJ - PROPED - Universidade do Estado do Rio de Janeiro  
Agência e/ou Instituição Financiadora: Faperj

## **COTIDIANOS, TRAVESSIAS E CRIAÇÕES - PANDEMIA E POSSIBILIDADES DE MIGRAÇÕES CURRICULARES**

### **Resumo**

Este texto apresenta um estudo em andamento que aborda as travessias curriculares necessárias a partir do aparecimento da pandemia do novo Coronavírus, que provoca a covid-19. Entendemos que as dinâmicas existentes nos cotidianos escolares sofreram muitas transformações neste período. As redes educativas, que nos formam e que formamos, são responsáveis por muitas possibilidades de tessitura e criações, como as que existiram nesse período e entendemos como 'Migrações Curriculares'. A partir do conto de Guimarães Rosa e das criações cotidianas necessárias para o enfrentamento do fechamento físico das escolas, buscamos analisar neste estudo quais foram as implicações atravessadas nos currículos praticados nas escolas do Rio de Janeiro.

**Palavras-chave:** Currículos. Cotidianos. Pandemia.

*Nosso pai não voltou. Ele não tinha ido a nenhuma parte. Só executava a invenção de se permanecer naqueles espaços do rio, de meio a meio, sempre dentro da canoa, para dela não saltar, nunca mais.*

*Guimarães Rosa*

Assim como as migrações acontecem por conta de inúmeras questões, os currículos escolares estão sujeitos a mudanças a partir de fluxos culturais ou percalços no caminho. Neste último ano, o desafio da educação e as desigualdades socioeconômicas foram/são potencializadas com a pandemia do Coronavírus. Nossa intenção, neste trabalho, não é produzir discursos que reforcem os binarismos (bom/mau, certo/errado), mas apresentar ideias de um estudo que está sendo desenvolvido tendo como limites e possibilidades a

produção de atualizações acerca das escolas e seus currículos.

Em março de 2020, fomos acometidos pela progressão da pandemia no país. Tornou-se necessário estabelecer o *lockdown* nas cidades e com isso o fechamento físico das escolas, lembrando que as formas de *fazer pensar* educação continuaram existindo. O vírus, com alto poder de contágio, fez com que o ano letivo fosse realizado de modo remoto. Ainda estamos em período de adaptação. Nossas *virtualizações* (Deleuze, 1998) se fizeram realidade e assim nos reinventamos em novos estudantes e professores. O material escolar foi adaptado, planejamentos elaborados para a sala de aula física foram modificados para a *ambiência* virtual (Santos; Weber, 2013). Medo, incerteza, tensão e, naquele primeiro momento, esperança de que logo retornaríamos à nossa rotina.

Hoje, com mais de 470 mil vidas ceifadas, temos depois de inúmeras recusas do governo, a vacina. No entanto, ainda se imuniza a população de modo muito lento. O país vive uma crise sanitária, política e social, com muitas escolas fechadas e sentimentos contraditórios que pairam como uma nuvem de cumulonimbus em toda a sociedade. A crise se expande para além do imaginado, trata-se de uma *necropolítica* (Mbembe, 2016) onde políticas definem quem pode viver e quem deve morrer.

Em tempos de polaridades sociopolíticas somos agenciados e provocados por múltiplas redes de *conhecimentossignificações* que nos formam e que somos formados (Alves, 2012). Neste texto propusemos-nos a conversar acerca das aproximações entre currículos, cotidianos, criações, travessias e o conto *A terceira margem do rio* de Guimarães Rosa a partir do seguinte campo problemático: em tempos de pandemia, como os currículos escolares criam movimentos migratórios a partir de demandas dos *praticantespensantes* dos *espaçostempos cotidianos*?

### **Criação, migração e outras margens**

*Seria que, ele, que nessas artes não vadiava, se ia propor agora para pescarias e caçadas?*

Guimarães Rosa

No conto *A terceira margem do rio*, acompanhamos o movimento de um homem que, um dia, resolve abandonar a família e a sociedade para viver, parado em uma canoa, no meio de um rio, o que surpreende sua família e os demais moradores, que não compreendem o seu movimento de ir e o seu não movimento de parar entre as duas margens e lá ficar. Bhabha (1998) nos permite *verouvirsentirpensar* a relação que existe neste processo de *entrelugar*, onde fixações são questionáveis, pois os fluxos existentes neste processo de partidas e chegadas se apresenta a partir de múltiplas vivências entre eu e outro, como diz Maturana (1998), o *legítimo outro*. Assim como o pai, personagem do conto. Sua partida não se caracteriza necessariamente numa chegada, mas em viver à margem. Ele escolhe o *entrelugar* e a partir desta ação é possível compreender que os *praticantespensantes* em suas travessias e vivências criam possibilidades de existências.

Os currículos escolares podem ser compreendidos a partir dessa recusa à fixação. Ao contrário, importa aos *praticantespensantes* dos cotidianos escolares compreender que eles são criações que se permitem migrar, transformar, ressignificar. Currículos são *espaçostempos* vivos, fluídos e orgânicos. Propensos à mudanças. Soares et al (2017, p. 43) pensam que:

(...) são ‘*espaçostempos*’ de encontros entre diferenças, de reconhecimento e estranhamento, de escrituras sobrepostas, práticas negociadas, bricoladas e abertas à invenção, às contingências e às oportunidades. São atos

coletivos, criados cotidianamente nas escolas, mesmo que em sua origem encontremos arbitrariedades políticas e teóricas e tentativas de controle. Currículos são declarações de intenções institucionais, produtos de políticas públicas e decisões administrativas.

As experiências vividas neste período de crise sanitária mundial trazem a concepção de que migrações forçadas se apresentam inclusive nos currículos escolares. As dificuldades desafiam a nossa própria existência. A resistência ao caos torna-se necessária e para isso, as criações se apresentam como consequência. Certeau (2014) afirma que são nos cotidianos que criamos e nos ressignificamos.

Em uma compreensão de que os currículos escolares criam movimentos migratórios a partir de demandas dos *praticantespensantes* destes *espaçostempos*, entendemos que nestes movimentos não são possíveis capturas, localizações, estagnações. Eles acontecem a partir das interações estabelecidas e tecidas pelos encontros dos diferentes e pelas diversas necessidades surgidas. Desta forma, tomamos como dimensão a vida e a sua necessidade de resistência e recomeço. *Nem uma margem, nem outra*. Assim, como Bhabha (1998) entendemos a importância do *entrelugar*.

As andanças formativas que formamos e somos formados criam múltiplos *conhecimentossignificações* nos cotidianos escolares. No período pandêmico em que vivemos, é possível identificar múltiplas experiências que evidenciam essas migrações. A primeira delas é o *espaçotempo* físico, que deixa de ser presencial, e passa a acontecer nas *ambiências virtuais* (SANTOS, 2013).

Assim, nossa metodologia de pesquisa é realizada por meio de conversas com os *praticantespensantes* dos cotidianos escolares. Para nós, a riqueza produzida nos cotidianos possibilita ressignificar a *praticateoriapratica* dos sujeitos que os compõem. O enfoque deste texto está nas transformações produzidas no âmbito educacional, criando *conhecimentossignificações* no momento atual.

### **Navegando em outros rios... tecnologias e ambiências virtuais**

*e, eu, rio abaixo, rio a fora, rio a dentro — o rio .*

*Guimarães Rosa*

Antes mesmo da pandemia surgir, identificávamos as tentativas de recusa das tecnologias nos *espaçostempos* escolares. Grande parte das escolas possuem uma sala de informática, nem sempre atualizada e conservada. Muitos, inclusive, proibem o uso de celular. Com o isolamento social e o incentivo de criações de atividades em ambientes *on-line* ficou evidente a necessidade e a potência desses artefatos eletrônicos, além de se ter escancarado as desigualdades sociais, a ausência de acesso à internet, de celulares, computadores e *espaçostempos* necessários para se conseguir acompanhar e participar dos encontros.

Os docentes há muito percebiam estas dificuldades e a ausência de políticas públicas para resolvê-las e como os currículos se movem como as águas dos rios, iniciaram-se os movimentos de criação de currículos e escolha de artefatos que atendessem a essa nova demanda. *Zoom, Meet, WhatsApp, E-mail, PDF* começaram a passar de, muitas vezes, desconhecidos, a artefatos necessários para manter um vínculo entre docentes e discentes neste período conturbado.

Assim como o nosso protagonista do conto que pediu para construir uma “canoa especial, de pau de vinhático, pequena, mal com a tabuinha da popa, como para caber justo o

remador” (ROSA, 2008), docentes e discentes iniciaram as suas criações para enfrentar os dias distantes fisicamente das escolas. Criações estas que permeiam entre a ausência de ações governamentais e o medo da contaminação do vírus.

Professores compondo atividades que instiguem a criatividade e a curiosidade em tempos tão difíceis. Estudantes dividindo celulares e computadores com responsáveis/irmãos, muitas vezes em *home office*. Caminhando com o aparelho em mãos até conseguir um sinal gratuito de internet. Realizando as atividades no caderno e fotografando para enviar, gastando assim menos dados. São diversas as dificuldades e as composições feitas para reduzi-las. Se antes havia o pedido e o desejo para que o estudante “se desligasse do celular e prestasse atenção ao que ocorria em sala de aula”, agora o pedido é que ele utilize o celular para realizar as tarefas e se comunicar com a escola. São as tecnologias se impondo como um rio revolto, onde à deriva, o jeito é aproveitar o fluxo d'água em busca da sobrevivência.

### **O entrelugar do professor - margens e possibilidades**

*Ele não tinha ido a nenhuma parte. Só executava a invenção de se permanecer naqueles espaços do rio, de meio a meio, sempre dentro da canoa, para dela não saltar, nunca mais.*

Guimarães Rosa

Entendemos que as redes educativas formam e são formadas por diversos *praticantespensantes* que estão *dentrofora* dos *espaçostempos* escolares. Não existem somente docentes e discentes, mas diversos agentes que atuam para que a educação exista e resista. Embora, muitas vezes, as cobranças e decisões sejam direcionadas para os docentes, não podemos negar que professores são articuladores. Estão mais próximos aos estudantes diariamente. Percebem, muitas vezes, primeiramente, as suas dificuldades e os seus sonhos, mobilizando os outros envolvidos, responsáveis e demais profissionais das redes educativas, em busca de solução, entendimento e criações que possibilitem o desenvolvimento dos estudantes inseridos nos *espaçostempos* escolares.

Algumas vezes ocorre de o professor não ser percebido como articulador, mas sim como o unicamente responsável pelas alegrias e infortúnios deste caminho da educação. Na pandemia não foi diferente. Os docentes, em diversos momentos, foram responsabilizados pelas dificuldades encontradas pelos discentes, até as econômicas, como a falta de eletrônicos e acesso à internet para realização das atividades.

Não podemos ignorar que como um *praticantepensante* da educação, o docente tenha a responsabilidade de indicar os problemas, de articular possíveis medidas cabíveis ou de propor a migração dos currículos, porém são diversas camadas de desigualdades sociais se sobrepondo a cada dia que convivemos com o vírus, assim como quando ele não existia.

Igualmente ao personagem do conto, que decidiu parar sua canoa no meio do rio, tivemos escolas e professores que fizeram da não ação, as suas ações. Baseando-se nas dificuldades de acesso de muitos estudantes, paralisaram as aulas e, ao menos, nos primeiros meses da pandemia, não criaram atividades *on-line*. Entendemos que existe um movimento do currículo até quando não há, a princípio, uma alteração nele. Ao se negar as possibilidades de um modo de estudo através da internet, podemos estar denunciando as dificuldades e as impossibilidades de diversos docentes e discentes, no que se diz respeito ao acesso.

Sem descartar os docentes que se moveram e ainda se movem para criar, a partir das tecnologias, atividades, projetos e encontros com os discentes. Entendendo as dificuldades de muitos e em constante navegação para que os currículos fluam, permeando os estudantes. Assim como em um rio, criar currículos na pandemia é entender que há momentos de

calmaria, águas tranquilas, onde tudo flui e outros em que se precisa mudar o curso como quando esbarramos em um tronco no caminho. Temos uma rota, mas os cotidianos e suas surpresas indicarão as alterações e pausas necessárias para que tudo flua.

### **Algumas travessias finais**

*A gente teve de se acostumar com aquilo. Às penas, que, com aquilo, a gente mesmo nunca se acostumou, em si, na verdade.*

*Guimarães Rosa*

Assim como os movimentos dos currículos, este texto é acerca de um estudo em andamento. Ainda enfrentamos a pandemia. A maioria dos profissionais da educação aguarda a vacina e o retorno ao ensino presencial ocorre lentamente, geralmente com algumas voltas às atividades *on-line* assim que ocorrem infecções do vírus nas redes educativas.

É uma travessia nova, repleta de surpresas, de assombros e incertezas. O que podemos indicar como uma conclusão parcial é que, assim como o personagem de Rosa (2008) que foi para o rio para nunca mais voltar, as mudanças impostas pelo Coronavírus permanecerão nas redes educativas. Quando conseguirmos retornar totalmente as atividades presenciais, encontraremos outras escolas, afetadas pelo vírus, pelas tecnologias, pelas maturações que foram necessárias para que se continuasse a estudar mesmo de longe e com as dificuldades. Infelizmente, é cedo para apontar todos os impactos causados pela pandemia na educação. Mas podemos indicar que os currículos continuarão o seu curso, por vezes fluindo nas águas, por vezes navegando contra a maré, por vezes parado, à espera, formando mais uma margem.

### **Referências**

**ALVES, Nilda.** *Redes educativas, fluxos culturais e trabalho docente: o caso do cinema suas imagens e sons.* Financiamentos CNPq, FAPERJ e UERJ, 2012-2017. 2012: p 12-13 (Projeto de Pesquisa).

**BHABHA, Homi.** O local da cultura. Belo Horizonte. Ed. UFMG, 1998.

**DELEUZE, Gilles.** O real e o virtual. In DELEUZE, Gilles; PARNET, Claire. In Gilles Deleuze Claire Parnet. *Diálogos.* Trad. Eloisa Araújo Ribeiro. São Paulo: Escuta, 1998: 121-125. DIÁLOGOS. Acesso em 17.12.2018.

**MATURANA, Humberto.**  *Emoções e Linguagem na Educação e na Política.* Tradução: José Fernando Campos Fortes. Belo Horizonte: Ed. UFMG, 1998.

**MBEMBE, Adille.** Necropolítica. Arte & Ensaios | Revista do ppgav/eba/ufrj | n. 32 | dezembro 2016

**ROSA, João Guimarães.** *Primeiras estórias.* Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2008.

**SANTOS, Edméa. & WEBER, Aline.** *A criação de atos de currículo no contexto de espaços intersticiais.* teccogs n. 7, 156 p, jan.-jun, 2013, p.42-60.

**SOARES, Maria da Conceição Silva; PAIVA, Vanessa Maria B.; NOLASCO-SILVA, Leonardo.** *Gênero e sexualidades praticados em currículos dissidentes nos/dos com os cotidianos escolares.* IN: Teias v. 18 • n. 51 • 2017 p 43 (Out./Dez.): Micropolítica, democracia e educação.

